



2021.2 . Ano xxxviii . Número 42

CALÍOPE

Presença Clássica

2021.2 . Ano xxxviii . Número 42

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Dossiê sobre Xenofonte
(separata 10)

organizadores do dossiê:
Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondareczuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrie (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Busto de Xenofonte, c. 323-30 a.C. Museu de Antiguidades (Biblioteca de Alexandria, Egito).

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 42
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Ricardo de Souza
Nogueira | Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Tradução do capítulo VII de *Econômico* de Xenofonte

Emerson Rocha de Almeida | Tania Martins Santos

RESUMO

O aspecto educativo do relacionamento entre marido e mulher nas atividades cotidianas do homem é apresentado em vários passos de *Econômico* de Xenofonte, principalmente no capítulo VII. Destaca-se a importância dada pela comunidade ateniense, entre os séc. V e IV a.C., ao governo do *oikos*, salientando-se o papel fundamental da família na formação da *pólis*. Nesse capítulo, ressalta-se também a função administrativa exercida pelo homem em relação ao campo e aos escravos externos, bem como a função pedagógica referente à mulher, visto que esta, após receber todas as instruções do marido, deveria administrar a despensa, a produção, os escravos domésticos e os filhos.

PALAVRAS-CHAVE

Econômico; Homem; Mulher; Família; *Oikos*.

SUBMISSÃO 23.7.2021 | APROVAÇÃO 30.8.2021 | PUBLICAÇÃO 5.9.2022

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i42.44981>

X

enofonte notabilizou-se na literatura grega clássica devido à diversidade temática abordada em sua vasta obra, o que lhe propiciou ser reconhecido, segundo a tradição, como polígrafo.

No grupo das quatro produções classificadas como “escritos socráticos” da lavra xenofonteana, encontra-se *Econômico*, uma espécie de tratado de economia, que versa especificamente sobre a arte de bem administrar o *oikos*, em que o prosador se utiliza do recurso literário em forma de diálogo, à maneira platônica, sendo Sócrates o responsável por conduzir a discussão acerca de temas notadamente relevantes para a sociedade grega.

Composta de vinte e um capítulos, que perfazem um total de trezentos e noventa e cinco parágrafos, a obra divide-se em duas partes aparentemente distintas.

Na primeira, do capítulo I ao VI, Xenofonte apresenta-se como narrador, característica que lhe é peculiar, rememorando uma conversa entre o protagonista Sócrates e o aristocrata Critóbulo, na qual ambos fazem reflexões sobre o “saber econômico” das quais se infere claramente uma apologia à vida no campo e, em especial, à agricultura.

Na segunda, do capítulo VII ao XXI, identifica-se que o escopo do diálogo estabelecido entre Sócrates e Critóbulo visa a delinear o perfil do *kalòs kai agathòs*, representado pelo interlocutor do filósofo que atende aos princípios da *καλοκάγαθία*, praticados na ambiência do *oikos* e preconizados pela aristocracia na Antiguidade clássica.

A família grega do período clássico era, basicamente, composta de pai, mãe, filhos e escravos, com bastante flexibilidade numérica, variando de acordo com o tamanho do patrimônio familiar e, a depender da situação financeira, poderia receber parentes ou reconhecer um número maior de filhos.

Xenofonte, em *Econômico*, procura descrever o dia a dia do ateniense abastado no exercício da nobre função de administrar o seu *oikos*, por meio do diálogo estabelecido entre as personagens

Sócrates e Critóbulo, em que se questiona se a administração do patrimônio familiar é uma ciência, como se pode verificar no capítulo I, 1:

Eu o ouvi, certa vez, conversando também sobre esta tal administração do patrimônio familiar: dize-me, ó Critóbulo, disse (Sócrates), será que a administração do patrimônio familiar é nome de alguma ciência, assim como a medicina, a metalurgia e a carpintaria? Parece-me que sim, disse Critóbulo.¹

Entre as atividades cotidianas do patriarca, estava o cultivo da terra, reputada como a mãe e a nutridora de todas as atividades econômicas, segundo o argumento de que a terra proporciona ao homem tanto o que ele precisa quanto aquilo que pode adornar os altares dos deuses (a pecuária está ligada à agricultura), contribuindo para estabelecer um treinamento físico, útil ao homem numa eventual necessidade guerreira. O cotidiano de Iscômaco é apresentado para mostrar que suas atividades diárias implicam a administração de seu *oikos*, tais como levantar-se cedo, ir à praça fazer negócios e voltar para casa. Em seguida, dirige-se ao campo, onde os escravos cultivam sua vasta terra sob a supervisão de um serviçal que exerce a intendência, que, por sua vez, é supervisionado por Iscômaco. O cidadão exemplar aproveita essa ida ao campo para praticar exercícios militares; por isso, vai cavalgando e volta caminhando, de forma que retorna a sua casa para a refeição do meio-dia (Xen. *Oec.* XI,14-18).

É no capítulo VII que o prosador deixa transparecer aspectos consideráveis da *καλοκάγαθία*,² por meio do diálogo de Sócrates com outro interlocutor, Iscômaco, rico proprietário de terras, modelo de bom caráter e gestor bem-sucedido de sua propriedade, a quem lhe deram o epíteto de *καλὸς κάγαθός*, belo e bom, por apresentar características indispensáveis a um cidadão ateniense, como se observa em *Económico* VII, 1-2.

Em consonância com esse pensamento, julga-se oportuno citar Vernant, porque, ao retratar o homem grego, utilizando documentação produzida no Período Clássico na cidade de Atenas,

ressalta que a visão dos autores clássicos sobre o ideal aristocrático do cidadão ateniense corresponde à seguinte descrição:

Religioso, militar, econômico, doméstico, rústico, ouvinte e espectador, envolvido em formas características de sociabilidade, caminhando da infância para a vida adulta ao longo de um percurso imposto de provas e de etapas para tornar-se plenamente homem.³

É por meio da boa administração do *oikos* que Iscômaco irá justificar o epíteto de *kalôs kai agathós*. Ao fazer isso, ele formulará uma “paideia econômica”,⁴ estabelecendo funções ideais para os membros da família, em que cabe ao homem uma função pedagógica em relação à mulher, bem como uma função administrativa referente ao campo e aos escravos externos, como se verifica em *Econômico* VII, 4.

Observe-se também que o aspecto educativo do relacionamento entre marido e mulher, visando à prosperidade do casal e à conseqüente supremacia do homem, aparece em vários passos da obra, sobretudo, no capítulo VII, em que a mulher é apresentada como colaboradora do homem na administração do *oikos*. Justifica-se essa função auxiliar pela frágil natureza feminina estabelecida pelos deuses para que ela completasse o homem e juntos, marido e mulher, pudessem cumprir suas obrigações, entre as quais a procriação. Em decorrência dessa mútua cooperação, o casal poderia construir abrigo, trazer alimento necessário à sobrevivência, conservá-los e acumular riquezas para obter amparo na velhice, como se observa em *Econômico* VII, 7-11.

Face ao exposto, dada a relevância do capítulo VII, não apenas por ser o mais longo, com quarenta e três parágrafos, mais, principalmente, por conter informações preciosas para que se possa melhor compreender as funções do homem e da mulher da família grega na Antiguidade clássica, especialmente na administração do *oikos*, privilegiou-se apresentar a tradução integral desse capítulo, pautada no texto grego estabelecido por E.C. Marchant, na segunda edição de 1921 da Clarendon Press.

XENOFONTE, *ECONÓMICO*, VII

Certa vez, tendo-o visto sentado tranquilamente no pórtico do templo de Zeus Eleutério, como me parecia desocupado, fui em direção a ele e, sentando-me a seu lado, perguntei-lhe: “Iscômaco, por que estás desocupado? Não tens esse costume, pois, sempre que te vejo, estás ocupado com teus interesses e raramente estás desocupado na praça”. [2] “Nem hoje me verias desocupado, disse Iscômaco, se, Sócrates, eu não tivesse marcado com alguns estrangeiros de esperá-los aqui”. Então, indaguei-lhe: “[P]elos deuses, como passas o dia e o que fazes, quando não estás desocupado assim? Pois eu gostaria muito de saber de ti o que no dia a dia faz alguém que é chamado de ‘belo e bom’. A boa condição do seu corpo revela que não passas o dia dentro de casa nem fazendo algo semelhante”. [3] E Iscômaco, tendo rido disso e satisfeito, como me pareceu, faz uma interrogação: “[Q]uem [tu] chamaste belo e bom?”. Então, disse: “[S]e alguns, quando conversam contigo sobre mim, me chamam por esse epíteto, não sei; na verdade, não é assim, quando me chamam para uma troca de bens, para equipar um trirreme ou financiar um coro de dança; ninguém procura o belo e bom, mas sabiamente me convocam, chamando-me de Iscômaco mais o nome de meu pai. Eu, pois bem, Sócrates, em relação ao que me perguntaste, de modo algum, passo o dia dentro de casa. Pois, de fato, aquilo que está dentro de casa, minha própria mulher também é capaz de administrar com precisão”. [4] “Mas é isso, disse, que eu mesmo, Iscômaco, com muito prazer, gostaria de saber de ti. Foste tu mesmo que educaste tua mulher, como é necessário? Ou a recebeste educada pelo pai e pela mãe na administração doméstica que é dever dela?”. [5] “E o que saberia ela, Sócrates, quando a recebi? Ainda não tinha quinze anos, quando a desposei; pois, antes disso, vivia sob muitos cuidados, de forma que visse, escutasse e falasse o mínimo possível. [6] Na verdade, não pensas tu que seria bem-vinda, se viesse apenas sabendo trabalhar a lã e tecer um manto, por ter visto como o ofício de tecer era distribuído às servas? Já que em relação à alimentação, veio, Sócrates, muito bem ensinada, o que penso ser um grande aprendizado tanto para o homem quanto

para a mulher”. [7] “Mas e as outras coisas, dizia eu, Iscômaco, tu mesmo educaste tua mulher de sorte que fosse capaz de realizar as tarefas como convém?”. “Não, por Zeus”, falou Iscômaco. [8] “Não antes de eu mesmo ter oferecido sacrifícios e feito preces, eu ensinando, e ela aprendendo, para obtermos as melhores coisas para nós dois”. Em seguida, disse eu, “e tua mulher fizeste contigo esses mesmos sacrifícios e preces?”. “Certamente, disse Iscômaco, fez muitas promessas aos deuses para se tornar como preciso fosse, e ficou bem claro que ela não seria negligente em relação ao que aprendesse.” [9] “Pelos deuses, Iscômaco, o que primeiramente tu a ensinaste? Conta-me, porque eu ouviria com mais prazer tu contares essas coisas do que se me contasses sobre a melhor ginástica ou sobre corrida de cavalos!”. [10] E Iscômaco respondeu: “Sócrates, é o que desejas? Quando ela já estava socializada e familiarizada comigo, de sorte que pudesse indagá-la, perguntei-lhe da seguinte maneira: ‘dize-me, minha esposa, será que já pensaste alguma coisa a respeito do motivo pelo qual eu te escolhi e o porquê teus pais te entregaram a mim?’ [11] Porque não teríamos dificuldade em encontrar outros com quem pudéssemos dormir; sei que para ti também isto é evidente. E eu pensando a meu respeito e os teus pais a respeito de ti sobre quem escolheríamos como o melhor companheiro para casa e para os filhos, eu te escolhi e teus pais a mim, dentre os possíveis como eu. [12] Em relação aos filhos, quando o deus nos conceder que nos tornemos pais, nós refletiremos sobre eles para que os eduquemos da melhor forma possível; pois também isto será um bem para nós, obter aliados e protetores na velhice que sejam os melhores; [13] pois, nesse momento, todos os bens, que estão aqui, são comuns a nós. Eu afirmo que tudo que é meu será nosso, e tudo que tu trouxeste será nosso também. E não devemos ficar calculando essas coisas, quantos bens foram trazidos por cada um de nós, mas sabermos bem, qual de nós será melhor parceiro, esse trará o mais alto valor’. [14] Então, Sócrates, em relação a isso, minha esposa me respondeu: ‘em que, disse ela, poderia colaborar contigo? O que eu poderia fazer? Pois tudo está contigo; e minha mãe disse que minha função é ser sensata’. [15] ‘Sim, por Zeus,

afirmei, minha esposa, meu pai também me disse isso. Mas tanto o homem quanto a mulher devem ser sensatos, de forma que as coisas que têm sejam as melhores possíveis e as outras muitas coisas venham do que é belo e justo'. [16] 'E o que tu vês que eu poderia fazer para aumentar nossos bens? – perguntou minha esposa'. 'Sim, por Zeus, disse eu, faça aquilo que os deuses te capacitaram e a lei permite, tenta fazê-las da melhor maneira'. [17] 'E que coisas são essas?' – indagou ela. 'Julgo, eu mesmo, que não são de pequeno valor, se de fato, não são também os trabalhos de pequeno valor, aqueles que numa colmeia são comandados pela abelha-rainha. [18] Para mim, certamente, disse ele ter declarado, também os deuses, minha esposa, planejaram com muitíssima prudência unir esse casal, o qual são chamados fêmea e macho, para ter neles o máximo de vantagem no relacionamento. [19] De fato, em primeiro lugar, para que não cesse a raça dos homens, esse casal deve permanecer junto, gerando filhos; em segundo, receba, esse mesmo casal, amparo na velhice a partir dessa união, pelo menos os homens; em terceiro, a maneira de viver dos homens não é como a dos rebanhos ao ar livre, mas, é evidente porque precisam de casa. [20] Assim, é necessário que os homens busquem aquilo que necessitam para casa, trabalhando nas tarefas ao ar livre; a saber: lavra, semeadura, plantação e pastoreio. Todas essas coisas são tarefas feitas ao ar livre; e, são delas que vêm as coisas imprescindíveis à sobrevivência. [21] Depois que essas coisas são trazidas para dentro de casa, ainda é necessário que elas também sejam conservadas e trabalhadas, tarefas essas que precisam ser feitas dentro de casa. Também se precisa da casa para os cuidados com as crianças recém-nascidas, para o preparo da comida a partir dos grãos; e da mesma forma, para a produção das roupas a partir do trabalho com a lã. [22] Já que ambas as tarefas, tanto as de dentro quanto as de fora da casa, necessitam de trabalhos e cuidados, pois, na minha opinião o deus preparou a natureza corretamente: a da mulher, para as tarefas e cuidados internos e a do homem, para as tarefas externas. [23] Preparou também o corpo e a alma do homem para poder suportar melhor o frio, o calor do sol, as longas caminhadas e as expedições

militares. A fim de atribuir-lhe os trabalhos externos, à mulher, pelo seu corpo frágil e por sua habilidade, parece-me que o deus a colocou para as tarefas internas por causa dessa natureza. [24] Sabendo que na mulher e em sua natureza também colocou o alimento dos recém-nascidos, também pelas crianças lhe concedeu mais amor que ao homem. [25] E, visto que também à mulher atribuiu a guarda das coisas de dentro da casa, o deus, sabendo que, para essa vigilância, não é desqualificação ter uma alma cheia de temor, concedeu à mulher mais medo que ao homem. Sabendo que, se alguém cometer uma injustiça, àquele que tem as tarefas externas caberá a defesa, pois recebeu uma porção maior de coragem. [26] E, porque ambos devem também dar e receber, aos dois concedeu em partes iguais a memória e a diligência, de forma que não poderias apontar qual sexo, o feminino ou o masculino, tem mais que o outro desses dons. [27] Também concedeu a ambos que fossem igualmente capazes de autocontrole, e o deus deu capacidade para que quem fosse o melhor dos dois, homem ou mulher, administrasse a maior parte desse bem. [28] E por causa da natureza de ambos, não possuem boas aptidões para tudo e, por isso, precisam muito um do outro e a união torna-se mais útil para cada um, pois naquilo em que um é deficiente, o outro é competente. [29] E isto, minha esposa, disse-lhe eu, sabendo que é preciso que nós, aos quais foram atribuídos deveres individuais pelo deus, tentemos sempre, cada um, realizá-los, concluindo da melhor forma possível. [30] E a lei também corrobora isso, disse-me ter declarado, a união conjugal entre homem e mulher e como o deus os fez parceiros em relação aos filhos, assim também a lei os fez parceiros em relação à casa. E a lei estabelece, ainda, ser nobre aquilo, para o que o deus os fez mais capazes. De fato, para a mulher é melhor permanecer dentro de casa do que fora; entretanto, para o homem é mais vergonhoso permanecer dentro de casa do que se ocupar com as coisas de fora. [31] E se alguém faz o oposto daquilo para o qual o deus o criou, provavelmente, também não conseguirá esconder seu comportamento desordenado diante dos deuses e receberá punição pela negligência no seu próprio trabalho ou por realizar o trabalho de sua mulher.

[32] Mas, parece-me, disse eu, que a abelha-rainha realiza tarefas como essas, estabelecidas pelo deus. E quais são, disse ela, as tarefas feitas pela abelha-rainha que são semelhantes às que eu devo fazer? [33] Porque ela, afirmei, não permite que as abelhas permaneçam na colmeia, fiquem sem trabalhar, mas as envia para as tarefas, aquelas que devem trabalhar fora, e sabe o que cada uma delas deveria trazer e armazenar aquilo que seria necessário para o seu uso. E quando chega o momento de usar, ela o distribui corretamente a cada uma. [34] E administra a colmeia, fiscalizando a produção dos favos de mel, para que sejam feitos rapidamente e perfeitos, e cuida da ninhada que nasce para que cresça saudavelmente; quando os filhotes estão crescidos e aptos para trabalhar, envia-os para estabelecer uma nova colmeia com uma outra abelha-rainha'. [35] 'Então, eu também', disse minha mulher, 'deverei fazer essas coisas?' 'Sim, disse-lhe eu, deverás permanecer dentro de casa e aqueles, entre os escravos, cujo serviço é externo, deve enviá-los para fora, e os que são internos, cuidar para que trabalhassem em casa. [36] A ti caberá supervisionar todas essas coisas, e depois recebê-las e administrá-las, e aquilo que seria necessário para consumir, a ti caberá distribuir, para que sobre o necessário, planejar e armazenar para que não se gaste a provisão de um ano em um mês. E quando a lâ for trazida a ti, deverás administrá-la para que os que necessitam de roupa a tenham. E também deverás manter o trigo protegido de umidade para que se torne boa comida. [37] Certamente, entre as coisas que te convém, disse-lhe eu, talvez, julgues ser a mais desagradável entre as ocupações, aquela que seria cuidar dos enfermos entre os escravos domésticos, e caberá a ti cuidar de todas essas coisas para que tenham um bom tratamento'. 'Não, por Zeus, disse minha esposa, na verdade, será muito gratificante, se os servos por serem bem tratados tornarem-se mais gratos e mais leais do que antes'. [38] E eu, disse Iscômaco, admirado com a resposta dela, respondi: 'não será, minha esposa, por causa dessas coisas que também as abelhas estão devotadas à rainha na colmeia, de modo que estão sempre dispostas a segui-la; mesmo quando ela deixa a colmeia, nenhuma delas pensa em abandoná-la; ao contrário, todas a seguem?' [39] E

minha esposa me respondeu: ‘[E]u ficaria admirada, disse, se as tarefas da abelha-rainha não se parecessem mais com as tuas do que com as minhas. Evidentemente me pareceria hilário eu proteger e distribuir aquilo que está dentro de casa, se tu não te aplicasses e trouxesses o que se produz fora de casa’. [40] ‘E também pareceria hilário, disse eu, trazer minha produção, se não houvesse quem armazenasse o que foi trazido’. ‘Não vês, disse eu, que aqueles que enchem um vaso furado, como dizem, parecem se esforçar inutilmente?’. ‘Sim, por Zeus, disse minha esposa, de fato, também são miseráveis, se fazem isso. [41] E, certamente, disse eu, existem outras tarefas próprias para ti, minha esposa, que se tornam agradáveis a ti, quando receberes uma escrava que não sabe trabalhar a lã e a tornares hábil, também a fará valer o dobro para ti, e quando receberes uma outra que não sabe administrar a dispensa e nem servir às mesas e a tornares hábil, fazendo-a de confiança e boa serviçal, a terás em muito maior valor, e quando for possível a ti, fazes o bem aos servos sensatos e úteis à casa, e se algum parecer mau, será possível a ti puni-lo. [42] E o mais agradável de tudo isso será te manifestares ser melhor que eu, e me fizeres teu servidor, sem que precisas temer que venhas a ser menos honrada na tua casa na velhice, à medida que avança em idade, mas confies que ao ficares mais idosa e te tronares melhor companheira para mim e melhor protetora da casa e dos filhos, serás, então, mais honrada em nossa casa’. [43] ‘Na verdade, as coisas belas e boas, afirmei, aumentam, não por causa da juventude, mas por meio das ações nobres na vida dos homens’. ‘Essas palavras, Sócrates, pelo que me lembro, foram as primeiras que eu lhe disse’”.

ABSTRACT

The educational aspect of the relationship between husband and wife in the everyday activities of men is presented in several passages in Xenophon's *Economics*, mainly in chapter. It reveals the importance given by Athenian community, between the 5th and 4th centuries BC, to the government of the *oikos*, emphasizing the fundamental role of the family in the formation of the *polis*. In this chapter VII, Xenophon highlights the administrative function exercised by the husband, in relation to the countryside and external slaves, and the pedagogical one, in relation to his wife, since she, after receiving all the instructions from her husband, should administer the expenses, the production and domestic slaves and children.

KEYWORDS

Economics; Man; Woman; Family; *Oikos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Emerson Rocha de. **A função do homem na família em Econômico**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

BAILLY, Anatole. **Dictionarie grec-français**. Édition revue par L. Séchan et Pierre Chantraine. Paris: Hachatte, 2000.

FERNANDES, Tania Martins Santos. **O banquete de Xenofonte**: recursos estilísticos da trama do discurso. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon, 1968.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. Tradução de Cristina Murachco. 2. ed. São Paulo: Edusp 2002.

XENOPHON. **Xenophontis Opera Omnia**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1921. vol. 2. (repr. 1971).

¹⁷Tradução do autor.

²³Conjunto de características peculiares ao καλὸς κάγαθός que, originariamente, denotava o perfeito cavalheiro. Mais tarde, num sentido moral, passou a significar o caráter perfeito, também aplicado a qualidades, ações etc. (LIDELL; SCOTT, 1968, p. 869). Segundo Jaeger (2003, p. 745), “o belo e bom não passam de dois aspectos gêmeos de uma única realidade, que a linguagem corrente dos Gregos funde numa unidade, ao designar a suprema *areté* do Homem como ‘ser belo e bom’ (καλοκάγαθία). É neste ‘belo’ ou ‘bom’ da *kalokagathía* apreendida na sua essência pura que temos o princípio supremo de toda vontade e conduta humanas, o último motivo que age por uma necessidade interior e que é ao mesmo tempo o fundo determinante de tudo o que sucede na natureza”.

³ VERNANT, 2002, p. 169.

⁴Conjunto de saberes relacionados à administração do *oikos*. Expressão utilizada por E.R. Almeida (2012, p. 69).